

TEMPLO É DINHEIRO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Francieli Gonzalez Santos (UNIOESTE)

francieli.gonzalez97@gmail.com

Raquel Moreira (UTFPR)

raquelmoreira@utfpr.edu.br

RESUMO

O discurso religioso é um dos discursos fundadores no Brasil, pois, desde a colonização, a Igreja Católica teve muita influência. Mas, nos últimos 50 anos o protestantismo vem ganhando espaço. Por isso, o objetivo do artigo é compreender a relação entre os dogmas das igrejas evangélicas com a Teologia da Prosperidade e os discursos que permeiam essa relação a partir da teoria francesa de análise do discurso (AD). Além disso, identificar como a Teologia da Prosperidade funciona discursivamente nas igrejas neopentecostais. Foi escolhido o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus, a maior representante do neopentecostalismo no Brasil, que circula no Jornal da Igreja Universal para realizar este trabalho. A base teórica utilizada foi a Análise do Discurso de orientação francesa e a teoria da ética protestante de Max Weber. Os nossos objetos discursivos foram as publicações no site da Igreja Universal do Reino de Deus e o periódico semanal *Folha Universal*.

Palavras-chave:

Análise do Discurso. Teologia da Prosperidade. Igreja Universal do Reino de Deus.

RESUMÉN

El discurso religioso es uno de los discursos fundadores en Brasil, hacia la colonización del país la Iglesia Católica tuvo mucha influencia. Pero, en los últimos 50 años las iglesias evangélicas están ganando espacio. En este trabajo buscamos comprender la relación entre los dogmas de las iglesias evangélicas con la Teología de la Prosperidad y los discursos que permeian esta relación, a partir de la teoría francesa de la Análisis de Discurso. El objetivo desta pesquisa es comprender como la Teología de la Prosperidad funciona discursivamente en las iglesias neopentecostais. Eligimos el discurso de la Iglesia Universal del Reino de Dios, que es la más grande representante del neopentecostalismo en Brasil, que circula en el periódico *Folha Universal* para realizar este trabajo. La base teórica utilizada fue, como ya mencionamos, la Análisis de Discurso francesa y la teoría de la ética protestante de Max Weber. Nuestros objetos discursivos fueran las publicaciones en el sitio de la Iglesia Universal del Reino de Dios y el periódico *Folha Universal*.

Palabras clave:

Análisis de discurso. Teología de la Prosperidad. Iglesia Universal del Reino de Dios.

1. Introdução

A presente pesquisa consiste na investigação sobre o funcionamento do discurso religioso, disseminado pelas igrejas neopentecostais, e

os efeitos de sentido que relacionam o fato de o fiel frequentar a instituição religiosa, com a sua prosperidade financeira. Tal objeto de análise foi escolhido uma vez que a Igreja Universal do Reino de Deus é o maior expoente do neopentecostalismo brasileiro, pois possui cerca de 2 milhões de adeptos no Brasil e atua em mais de 130 países.

Com relação à base teórico-metodológica, a pesquisa será realizada sob os pressupostos da Análise do Discurso francesa, a partir da obra de Michel Pêcheux. Bem como será utilizado o livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, do sociólogo Max Weber, para compreender a relação das religiões protestantes com o desenvolvimento do capitalismo. Aliado a essas teorias linguísticas e sociológicas, associaremos a Teologia da Prosperidade, uma doutrina religiosa cristã a qual defende que a bênção financeira é o desejo de Deus para os fiéis e, dessa forma, que a fé e as doações para as instituições religiosas irão sempre aumentar a riqueza material do cristão.

Isto posto, cabe ressaltar a importância social da pesquisa, uma vez que o Brasil tem como referência hegemônica religiões de matriz judaico-cristã em sua formação, devido à colonização europeia. Dessa forma, a partir da invasão portuguesa, houve a imposição da religião Católica, com a presença dos padres jesuítas, no ano de 1549, em uma tentativa incisiva de aculturar os indígenas.

Com essa imposição religiosa e a vinda de mais imigrantes europeus, o Brasil se tornou um país oficialmente de maioria católica, tal religião se mantém até os dias atuais como majoritária no país, conforme o jornal Folha de São Paulo (2020), 50% dos brasileiros são católicos. Sendo assim, na tentativa de construir um discurso fundador dessa nação, o discurso religioso foi utilizado e, segundo Orlandi (1993), existem vários caminhos a serem percorridos no entendimento do que seja o discurso fundador, quando se trata de pensarmos a formação de um país. Um deles é perceber que esse discurso fundador é algo que instala condições de formação de outros discursos que produzem uma região de sentidos e, assim, configura um processo de identificação para uma cultura, uma raça, uma nacionalidade.

Por conseguinte, a língua e a história são os fatores que possibilitam a produção de sentidos, portanto, nos atentamos ao fato de que um dos discursos fundadores que se estabelece no Brasil é o da Igreja Católica. Essa questão é levantada, uma vez que o catolicismo é a religião que possui o maior número de fiéis no Brasil, mas com o desenvolvimento

das igrejas evangélicas, a Igreja Católica vem perdendo espaço, principalmente nos últimos 50 anos.

Desse modo, é preciso observar que as igrejas evangélicas apresentaram um crescimento considerável em seu número de seguidores nos últimos 50 anos. Segundo dados do IBGE de 2020, 31% da população se declarou adepta a alguma vertente evangélica, sendo que em 1970 esse número era de apenas 5,2%. Por isso, é fundamental analisar os impactos sociais e políticos que essas religiões causam no país.

Nesse sentido, destacamos a Teologia da Prosperidade (TP), que teve origem nos Estados Unidos durante o século XX e tem como referência o puritanismo (uma vertente do Calvinismo), o qual pregava que o trabalho era uma vocação divina, e o sucesso decorrente dele, um sinal da predestinação. Isso levou muitos teóricos a considerarem o Calvinismo a religião do capitalismo, pois ao contrário da Igreja Católica, não condenava o comércio, o empréstimo a juros e considerava as riquezas oriundas do trabalho como graça divina.

Sendo assim, com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, cabe ressaltar que a TP ascendeu em um contexto de progresso tecnológico muito acelerado, no início do século XX, sobretudo nos EUA com o *american way of life*. Isso não significa a democratização dos bens de consumo, porém, com a difusão das ideias capitalistas há o incentivo ao consumismo e o avanço do liberalismo econômico.

Com isso, a Teologia da Prosperidade constrói um imaginário no qual o fracasso financeiro é atribuído à falta de fé do indivíduo, muito mais do que ao contexto social ou econômico. Sendo assim, o pagamento do dízimo, passa a ser entendido como expressão da fé dos fiéis, por isso, ganha um espaço central é apresentado por líderes neopentecostais como caminho principal para esse sucesso.

Por isso, a Teologia da Prosperidade explica que qualquer sofrimento que atinja o fiel indica falta de fé. Então, o que representa o cristão bem-sucedido é a plena saúde física, emocional e espiritual, além da prosperidade material. Pobreza e doença são resultados visíveis do fracasso do cristão em pecado ou que possui fé insuficiente. Seguindo essa lógica, mazelas como a miséria, o desemprego, a violência, a precarização da saúde e da educação não estão relacionadas a uma questão estrutural de desigualdade social e má distribuição de renda. Se essas adversidades estão atingindo a vida dos fiéis é estabelecida uma relação direta com a ausência de fé ou a falta de ofertas à Igreja.

A Teologia da Prosperidade provoca um retorno aos moldes pré-protestantismo, pois a Igreja volta a ser o caminho de intermédio entre o fiel e a divindade e, com isso, instrumento de centralização de poder vinculado ao capital. Fator contraditório, pois, um dos principais pilares do protestantismo é a possibilidade da livre interpretação da bíblia pelos fiéis, o que para a Igreja Católica era inconcebível, pois eles mantinham a exegese

2. *A prosperidade como motor da fé*

Para realizar este estudo, compreender a complexidade da atuação da Igreja Universal do Reino de Deus e sua relação com a sociedade contemporânea, assim como o fenômeno neopentecostal no Brasil se faz necessário uma intensa contextualização do processo de constituição do cenário religioso brasileiro e sua dinâmica particular. Então, a apresentaremos os conceitos de condições de produção e de ideologia, que são fundamentais para compreensão deste trabalho. Em seguida, faremos um retorno histórico que explica o surgimento das doutrinas pentecostal e neopentecostal, a partir da Reforma Protestante, bem como, a teoria de Max Weber que associa o desenvolvimento do capitalismo ao crescimento do protestantismo.

A Linguística tem como objeto a língua e considera que ela possui sua ordem própria. Já a Análise do Discurso reconhece que a língua não é transparente e por isso, “procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é não se passa diretamente de um a outro” (ORLANDI, 2015, p. 17). Para Linguística, a língua é abstrata, a Análise do Discurso (AD) considera-a como forma material, pois contempla o legado do materialismo histórico, há uma ligação entre língua e história para a produção de sentidos.

Sendo assim, conforme Pêcheux (1997), entender a língua em sua materialidade permite a comunicação e a não-comunicação. Para o autor, não se trata de transmissão de informação – mensagem - que necessariamente teria algum sentido, pois as palavras não têm sentido em si mesmas, descoladas da história e da sociedade. A compreensão das palavras passa por um percurso de leitura, também exterior, das suas condições de produção. Nesse sentido, se é possível existir escolha, é porque existem possibilidades, e os motivos para que todas as outras opções fossem deixadas de lado são parte do que a Análise do Discurso pecheutiana

conceitua como condições de produção. São elas que permitem o que o sujeito produza algum discurso fora delas; que restringem e assim possibilitam a produção e a reprodução de discursos.

Sob essa ótica, Pêcheux entende que “a contradição é intrínseca a todo modo de produção baseado numa divisão de classes; assim, a reprodução/transformação faz parte de um mesmo processo que atravessa o modo de produção em seu conjunto” (DRESCH, 2003, p. 1). Soma-se a isso, o fato de que tais contradições são formadas em um momento histórico dado, pelo conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado que essa formação social comporta.

Dessa forma, “os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística”. (ORLANDI, 2015, p. 14). Então, a Análise do Discurso não é uma aglutinação dessas áreas do conhecimento, mas representa um novo olhar para elas, a partir da perspectiva de uma nova área que emerge: a Análise do Discurso. Então:

Os conceitos que a AD traz de outras áreas de saber, como a psicanálise, o marxismo, a linguística e o materialismo histórico, ao se integrarem ao corpo teórico do discurso, deixam de ser aquelas noções com os sentidos estritos originais e se ajustam à especificidade e à ordem própria da rede discursiva. (FERREIRA, 2004, p. 41)

A Análise do Discurso busca compreender como um objeto simbólico produz sentidos, é uma proposta em que há o conflito entre o político e o simbólico. Dessa forma, ela “critica a prática das Ciências Sociais e da Linguística, refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua”. (ORLANDI, 2015, p. 15).

Orlandi está alinhada a noção de ideologia concebida por Pêcheux, que não compreende o conceito como uma mera “consciência de grupo”, uma forma de representação do mundo, defendida pela classe dominante. O autor considera que se trata de processos que atravessam a formação social de diferentes formas, ao passo que esta não se mostra como um conjunto identificável na estrutura social. Então, considerar as ideologias como um todo descolado da sociedade impossibilita que se entenda o que é próprio da estrutura social, ou seja, sua contradição, seus mecanismos de dominação e de resistência.

O conceito de ideologia em Pêcheux se baseia nos estudos de Althusser, o qual aponta que “a ideologia interpela os indivíduos concretos

em sujeitos concretos” (ALTHUSSER, 1970/1980, p. 98), de modo que a percepção dos sujeitos se refere a um efeito ideológico, assim como a noção de transparência da linguagem, que gera a impressão de que uma palavra designa um sentido estabelecido. É provocado por esse paralelo entre a evidência subjetiva e a evidência referencial que Pêcheux estabelece sua teoria materialista do discurso.

Dessa forma, o fato de interpretarmos um enunciado já carrega elementos ideológicos, pois há uma ideia de evidência na interpretação, como se o discurso fosse apenas interpretável do modo que foi feito por aquele sujeito, naquele momento histórico e que possui aquele lugar social. Logo:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queira dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 1993)

Há uma naturalização do sentido e, assim, da relação existente entre o histórico e o simbólico. “Por esse mecanismo – ideológico – de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade.” (ORLANDI, 2015, p. 44).

Sem a ideologia não há realidade, pois, ela representa a relação do sujeito com a língua e por conseguinte, com a história, para que o discurso possa ser significado. A ideologia também forma o sujeito, é pela interelação ideológica que o indivíduo se torna sujeito e assim pode inserir-se em uma discursividade.

Há uma ilusão de literalidade, como se os sentidos estivessem colados nas palavras. No entanto, se consideramos a ideologia de acordo com Análise do Discurso, é possível perceber “a ilusão que está na base do estatuto primitivo da literalidade: o fato de que ele é produto histórico, efeito de discurso que sofre as determinações dos modos de assujeitamento das diferentes formas-sujeito na sua historicidade e em relação às diferentes formas de poder” (ORLANDI, 2015, p. 49).

Então, ao se falar em discurso, ainda que se existam fronteiras do que pode ser dito em determinado tempo, chamados na AD de formações discursivas, uma das maneiras de existência da ideologia, se define no exercício do dizer. Logo, o que é imprescindível é que a teoria discursiva

traz as condições de produção do campo das ideias para materialidade linguística.

Por conseguinte, concebemos, a partir da teoria de Pêcheux, a linguagem como sendo constituída por um aspecto material, a língua, atravessado pela história e pela ideologia as quais caracterizam relações essenciais para compreendermos a manifestação dos sentidos no discurso da Teologia da Prosperidade. Desta forma, tomamos um caminho de leitura que se delinea a partir de uma materialidade linguística, as sequências discursivas analisadas no capítulo 3.

A Análise do Discurso ressalta as condições de produção. O sujeito, estando exposto à ideologia, constrói um saber que não é ensinado, mas que está em andamento e que produz seus efeitos. Este processo de constituição do saber e do esquecimento ocorre por meio da exposição do sujeito às condições de produção de sentido, tanto restritas, aquelas que se limitam às circunstâncias da enunciação (contexto imediato), quanto abrangentes, das quais faz parte o contexto social, o histórico e o ideológico.

Elas englobam dois níveis, o contexto imediato, que se refere às circunstâncias da enunciação e o sentido amplo que diz respeito ao contexto histórico, social e ideológico em que foi produzido o enunciado. Já “o contexto amplo é o que traz para a consideração dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma de nossa sociedade com suas instituições” (ORLANDI, 2015, p. 29). Para a Teologia da Prosperidade, a pobreza se desloca de uma condição de humildade ou semelhança com Jesus e passa para uma condição de vergonha ou constrangimento.

Sob esse prisma, as construções discursivas são frutos do imbricamento entre o político e o simbólico, influenciadas pelas instituições e pela história. “Os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas.” (ORLANDI, 2015, p. 40). O sentido das palavras não é inerente a elas, dessa forma, ele pode mudar conforme a posição da pessoa que a está utilizando, elas significam a partir do momento que se inscrevem em formações discursivas que podem ser entendidas, segundo Orlandi (2015), enquanto regionalizações do interdiscurso.

Os sentidos inscritos nas formações discursivas estão relacionados às formações ideológicas, a ideologia se materializa no discurso, nele podemos perceber como linguagem e ideologia se relacionam. As formações discursivas não são homogêneas, elas se constituem na contradição “são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluídas, configu-

rando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (ORLANDI, 2015, p. 42).

O sentido é construído historicamente na relação que se estabelece entre o sujeito e a língua. Dado que não podemos considerar sentidos colados nas palavras, é possível compreender que a condição da língua é a incompletude, pois sujeitos e sentidos não são constituídos definitivamente. Eles se constituem a partir da relação que estabelecem com a língua, história e ideologia.

A partir dos conceitos apresentados (condições de produção, ideologia, efeito de sentido) acima é possível compreender o dispositivo de análise que a AD propõe. “Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar como o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro” (ORLANDI, 2015, p. 57). Ele procura considerar a partir da fala do sujeito o que está oculto e o que está presente, pois o dito e o não dito contribuem igualmente para a construção de sentidos desse discurso.

Então, o analista deve constituir uma análise a qual englobe a ideologia e o inconsciente, os processos de identificação do sujeito, a relação com a memória, o interdiscurso. Ele vai interpretar o discurso, pois não há descrição sem interpretação, portanto, todos os aspectos que serão analisados por ele também estarão presentes na sua interpretação, pois o analista também é atravessado pela língua e pela ideologia, é assujeitado pelo seu inconsciente e pela história que o constitui enquanto sujeito.

3. *Max Weber e a Teologia da Prosperidade*

A relação entre prosperidade financeira e protestantismo foi analisada de forma pioneira por Max Weber, em sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1905). Neste livro, o autor revela as afinidades entre a doutrina protestante e o desenvolvimento da sociedade capitalista. Segundo Weber (2004), o protestantismo foi capaz de captar o espírito do tempo em que surgiu ou de que ele é fruto, pois há uma incorporação de elementos que antes eram restritos à esfera religiosa, no cotidiano de seus fiéis. Então, “a religião foi capaz de dar uma espécie de “espírito” ao capitalismo, com justificativas e valores que transcendem a simples lógica material, mas que emanam do próprio Deus.” (FIGUEIREDO, 2007, p. 18).

Com o fim da Reforma Protestante se impôs a crença de que o dever é cumprido em primeiro lugar pelo exercício de um ofício no mundo, nas atividades do mundo, em oposição à vida religiosa fora do mundo, proposta pela doutrina católica, em que o clero apenas realizava tarefas eclesiásticas e quem trabalhava eram apenas os servos. Até a Idade Média, o trabalho era visto como algo de menor valor, a ser realizado pelos servos e não gerava qualquer riqueza, pois a única classe que trabalhava eram eles, portanto, precisavam sustentar a nobreza e o clero.

Mas a partir do desenvolvimento das corporações de ofícios e do avanço do comércio, o trabalho passou a gerar lucro. Essa nova concepção, no desenvolvimento do capitalismo, pode possibilitar desviar-se da questão das finalidades do esforço no trabalho (enriquecimento) e assim superar o problema do empenho proposto pelas novas práticas econômicas.

A concepção do trabalho como vocação religiosa auxiliou normativamente os comerciantes e os empreendedores do capitalismo nascente, dando-lhes boas razões para “entregar-se sem descanso e conscienciosamente à sua tarefa, para empreender a racionalização implacável para perseguirem o ganho, sinal de sucesso no cumprimento da vocação” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 40). Ela também serviu para convencer os operários que trabalhavam de forma assídua, pois estavam certos de que o homem deve cumprir seu dever onde quer que Deus o tenha colocado, ele não questionava a situação que lhe era imposta.

Outro ponto que Max Weber destaca em sua obra é a diferença de trabalho e dedicação entre os fiéis ao protestantismo e os católicos da época, para ele os protestantes “têm mostrado uma especial tendência para desenvolver o racionalismo econômico, fato que não pode ser observado entre os católicos” (WEBER, 2004, p. 40). Essa maneira de ver o trabalho e a conquista de patrimônio é oposta ao ideal bíblico de que se deve obter apenas o necessário para viver, tanto que a usura e o lucro eram considerados pecados até a Idade Média.

A colocação de Weber demonstra a diferença de valor agregado ao trabalho no medievo e na Idade Moderna, pois os servos não trabalhavam em busca da conquista de bens materiais, eles executavam sua função porque não podiam optar por outra. A pirâmide social do medievo era dividida por estamentos, clero, nobreza e servos, era uma sociedade em que não havia mobilidade social, ou seja, quem nasceu servo morreria nessa condição.

A Idade Moderna traz uma mudança nessa perspectiva, pois o trabalho possibilitava a ascensão social. Mas isso em raros casos, a maioria da sociedade ainda se mantinha na classe social a qual havia nascido. Então, essa pequena chance de crescimento financeiro, fez com que os cren-tes em Lutero, se dedicassem mais ao trabalho, como maneira de ter po- tencial de compra, acúmulo de capital, já que houve uma flexibilização na ideia de lucro, antes não aceita pela Igreja Católica.

A Reforma Protestante foi o início dessa mudança de paradigma da igreja em relação ao dinheiro e ao trabalho. O protestantismo nasce também de um desejo de contestação da ordem religiosa mantida pela igreja católica por tantos séculos e com esse argumento consegue angari- ar muitos fiéis.

As igrejas protestantes históricas surgem no momento das grandes navegações e formação dos Estados-Nação, o que marca o processo de mudança com o fim da Idade Média e início da Idade Moderna. A Re- forma Protestante serviu também a interesses políticos de fortalecimento do Estado, os príncipes das monarquias europeias desejavam maior auto- nomia e poder em relação à Igreja Romana. Além de pagar menos impos- tos, os nobres também se beneficiaram do confisco das terras da Igreja. É o caso da Inglaterra, com a Reforma Anglicana, a Igreja e o clero tiveram os bens confiscados e ficaram subordinados ao rei, que passou a ser o chefe da Igreja.

A Reforma Protestante quebrou o “monopólio” espiritual da Igre- ja Católica na Europa e abriu caminho para o surgimento de diversas ver- tentes do Cristianismo. No século XVI surgiram as religiões Anglicana (Inglaterra), Luterana (Alemanha), a Calvinista (França e Suíça). No sé- culo XVIII, surge a Igreja Metodista (Reino Unido) e, a partir do século 19, as religiões Pentecostais e Neopentecostais, que ficaram populares nos Estados Unidos.

Na Inglaterra houve a expulsão dos puritanos, eles foram exilados no território que atualmente representa os Estados Unidos. Dessa forma, a colonização dos Estados Unidos se deu pelo povoamento e não pela exploração. Mas, mesmo assim, continuavam sendo colônia inglesa na América, até conseguir sua liberdade pela guerra da independência (1775-83). Como a população que foi enviada ao território americano possuía uma religião originária da Reforma (puritanismo), as religiões que foram se desenvolvendo no país também descenderam da linhagem protestante. Existe um grande número de igrejas evangélica, adventista e testemunha de Jeová nos Estados Unidos. Como o Brasil, principalmente

a partir do século XX sofreu muita influência dos norte-americanos a religião também foi um ponto crucial em que os brasileiros se inspiraram na antiga colônia inglesa.

As igrejas protestantes históricas se desenvolveram enquanto a Europa estava no processo de colonização da América, período das grandes navegações. Na arte e na filosofia o continente passava pelo renascimento cultural, humanismo, grande avanço científico e bélico. Dessa forma, havia muita prosperidade financeira e novas terras a serem observadas, tanto que a América ficou conhecida como Novo Mundo. Com isso, as teologias do luteranismo, calvinismo e anglicanismo se difundiram rapidamente pela Europa. Embora as duas coroas que detinham o monopólio sobre a América fossem extremamente católicas – Portugal e Espanha – elas mantinham relações comerciais assíduas com a França e a Inglaterra, pois necessitavam exportar e importar produtos.

Nesse sentido, com o desenvolvimento das igrejas protestantes surge o movimento pentecostal, que em grego antigo, “pentecost” significa quinquagésimo dia. O dia marca a passagem de 50 dias depois da Páscoa. No judaísmo, se refere à Festa das Semanas ou Festa dos 50 Dias, celebrado no 50º dia depois da Páscoa judaica. No cristianismo, é marcado por um evento em que cristãos receberam dons do Espírito Santo, conforme descrito no segundo capítulo dos Atos dos Apóstolos, quinto livro do Novo Testamento. “Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava”, diz a passagem.

Tal movimento tem sua gênese nos EUA no início do século 20. A sequência de eventos conhecida como “avivamento da rua Azusa”⁴², ocorrido em Los Angeles, entre 1906 e 1915, é um marco inicial. Em um prédio despojado, sem adornos ou púlpito, de formato quadrangular, o pastor afro-americano William J. Seymour conduziu um evento no qual teriam se registrado ocorrências da atuação direta do Espírito Santo, como pessoas falando em línguas (glossolalia), a cura de doenças e a salvação espiritual de indivíduos. Esse estilo das cerimônias fugia do padrão reservado presente em cultos católicos e protestantes tradicionais. Visto que, o clima era eufórico, barulhento, marcado por gritos, dança e gesticações.

⁴² Os participantes foram criticados pela mídia secular e teólogos cristãos por considerarem o comportamento escandaloso e pouco ortodoxo, especialmente para a época. Hoje, o avivamento é considerado pelos historiadores como principal catalisador para a propagação do pentecostalismo no século XX.

Já as igrejas neopentecostais, que surgem no século XX, enfrentam em um momento histórico de crise no ocidente, desemprego, falência, pobreza. Foi quando o capitalismo teve uma de suas piores crises com a queda na bolsa de valores (1929), Primeira Guerra Mundial (1914–18), Segunda Guerra Mundial (1939–45), o período entreguerras (1918–39), a Guerra Fria (1945–91), o conflito das Coreias (1950–53) e do Vietnã (1955–75).

Com isso, são perceptíveis distinções entre a corrente protestante histórica e a neopentecostal. “Apenas o fato de mencionarmos a Teologia da Prosperidade (TP) já implica em uma grande distinção entre as neopentecostais e as protestantes históricas. As primeiras pregam “vida e vida com abundância” já as segundas, práticas ascéticas e moderação.” (FIGUEIREDO, 2007, p. 42)

Boltanski e Chiapello (2009) propõem um “novo espírito do capitalismo”. Esse novo espírito considera que a expansão do capitalismo e o incentivo à acumulação, a subordinação do trabalho às demandas de produção, precisa de ideologias que justifiquem o engajamento com o capitalismo e que tornem este engajamento atraente. Em meio a falência causada pelas grandes guerras, ao alto índice de desemprego, suicídios em massa, o surgimento de uma teologia que versasse sobre a possibilidade de um futuro próspero e que ele aconteceria na vida terrena ainda atraiu muitos fiéis. Esse contexto histórico de crise no capitalismo e quebra na bolsa de valores talvez tenha sido o que ocasionou o surgimento da Teologia da Prosperidade nos Estados Unidos e também seu desenvolvimento e disseminação para o mundo tão rapidamente.

Outro pilar comum na maior parte das igrejas neopentecostais é a batalha espiritual entre os componentes da “Santíssima Trindade” e o Diabo, o que remonta valores medievais, tais como o confronto direto entre o homem e os demônios, as ditas maldições hereditárias, a posse dos crentes pelas forças do mal. É comum “pastores” ou “médiums” operarem “curas milagrosas” para doenças psíquicas ou físicas, chegando mesmo ao ponto de negação da materialidade dos males que afligem os homens. Apontam preceitos do Antigo Testamento como a busca de revelações diretamente feitas por Deus ou pelo Espírito Santo a seus “pastores”, “bispos” ou “apóstolos”.

Somado a isso, o neopentecostalismo, na arena política também é muito expressivo e difunde valores politicamente reacionários, como os

preconceitos claros ou encobertos contra a homossexualidade⁴³ e a possibilidade de a mulher decidir sobre seu próprio corpo.

Podemos observar isso quando membros da bancada evangélica na câmara e no senado barram projetos de lei que dizem respeito à saúde pública e à liberdade de expressão em nome da religião, como o aborto e a permissão de aulas sobre educação sexual nas escolas.

Dessa forma, as doutrinas neopentecostais não se atentam o ensinamento de Jesus, presente na bíblia: “dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt, 22, 21). Uma das interpretações possíveis para esse enunciado é o reconhecimento da importância da separação entre Estado e Igreja. Atualmente, o Brasil é um país declaradamente laico, porém diversos órgãos do Poder Judiciário brasileiro mantêm crucifixos em salas de sessão e em outros espaços eminentemente públicos, inclusive no Supremo Tribunal Federal.

Sobre esse tema, a ocupação do espaço político por membros de igrejas evangélicas é um dos fatores que justificam sua influência na sociedade brasileira nos dias atuais. Esse movimento começou a partir da Assembleia Constituinte realizada entre 1987 e 1988. Realizada para a elaboração da Carta Magna no Congresso Nacional, a qual contou com a participação de 33 deputados evangélicos.

Entre as pautas da recém-constituída “bancada evangélica” estava o pedido de que um exemplar da Bíblia fosse deixado na mesa da constituinte para consulta dos congressistas. A ideia foi do deputado Antônio de Jesus (PMDB-GO), ligado à Assembleia de Deus. O pedido do parlamentar foi atendido e a partir de então a presença do “livro sagrado” no recinto seria mencionada em diversos pronunciamentos ao longo do processo de construção da nova constituição. A Bíblia foi utilizada para apoiar discursos com temas que incluíam a “permissividade” da sociedade em relação à AIDS, à pena de morte, à reforma agrária e às injustiças sociais, conforme relato do cientista político Sydnei Melo em *Deus, a Bíblia e os evangélicos na Constituinte* (1987-1988).

Durante a assembleia, os temas mais abordados⁴⁴ pelos componentes da bancada evangélica foram: planejamento familiar e aborto, direito

⁴³ Aliança entre o pastor Marco Feliciano (deputado pelo Partido Social Cristão) e o pastor Silas Malafaia contra o Projeto de Lei 122, que criminaliza a homofobia. <https://veja.abril.com.br/brasil/pastor-silas-malafaia-organiza-marcha-contra-o-casamento-gay-em-brasil/>.

à vida, contracepção, direitos e deveres dos menores, entre outros. Os parlamentares evangélicos defenderam seus pontos de vista partindo explicitamente de sua fé, deixando claro que suas opiniões provinham de valores cristãos. Eles defenderam uma visão de família nuclear, formada por pai, mãe e filhos, desconsiderando a possibilidade de famílias com outras configurações, como casais homossexuais. Também, se opuseram ao divórcio e se mostraram favoráveis à censura nos meios de comunicação.

Após esse evento, a Igreja Universal do Reino de Deus, doravante IURD, começou a se infiltrar na arena política. Na virada do milênio, ela contava com 18 deputados na Câmara, em partidos diferentes. Eram liderados pelo Bispo Rodrigues, que na época chegou a ser vice-presidente do Partido Liberal (PL). Os eventos foram desencadeando a presença progressiva da instituição religiosa no cenário parlamentar. Um dos principais momentos dessa empreitada foi em 2002, quando pastor Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo, estreou no pleito eleitoral, candidando-se a senador pelo Rio de Janeiro, pelo PL, ele derrotou Leonel Brizola e Artur da Távola, figuras políticas consagradas na época, já apondo o poder de influência que a IURD possuía no início dos anos 2000.

Com esse crescimento, líderes de várias igrejas evangélicas passaram a figurar no âmbito político e formaram o que ficou conhecido como “Bancada Evangélica”⁴⁵. Como exemplos expoentes podemos citar o Pastor Magno Malta (PR), que foi eleito senador pelo Espírito Santo em 2003 e o Pastor Marco Feliciano (PODE) deputado federal representante do estado de São Paulo desde 2010. Em 2005, a Universal coletou mais de 600 mil assinaturas para a criação de um partido político, o PMR (Partido Municipalista Renovador). Em seguida, por sugestão de seu filiado José Alencar (então vice-presidente de Luiz Inácio Lula da Silva), mudou o nome para Partido Republicano Brasileiro (em 2019, mudaria outra vez para Republicanos), um dos mais influentes no cenário político até hoje.

Trata-se de uma prática antiga e disseminada no Brasil, em que o cristianismo é majoritário. Outro ponto que contribui para essa prática é que não há uma tradição cultural enraizada de separação entre os espaços

⁴⁴ Informações sobre o processo constituinte, as Comissões e subcomissões da Assembleia Constituinte, que estão disponíveis no site do Senado Federal: https://www.senado.leg.br/publicacoes/anaais/asp/CT_Abertura.asp.

⁴⁵ A Bancada Evangélica ou Frente Parlamentar Evangélica expressa os interesses das igrejas evangélicas em geral, entretanto é principalmente constituída de deputados pertencentes a igrejas pentecostais.

religioso e jurídico-estatal. Todavia, tal prática passou a sofrer contestações nos últimos anos, baseadas na afirmação de violação ao princípio da laicidade do Estado, consagrado no art. 19, inciso I, da Constituição da República. Nesse contexto, ocorreu uma mudança fundamental para o a expansão das Igrejas evangélicas na América, surge nos Estados Unidos, um fenômeno denominado neopentecostalismo. Com essa perspectiva são mantidos os dogmas protestantes, mas surgem novas oportunidades para os fiéis, “a possibilidade de cura não só para o corpo e para a alma, mas para a vida do fiel como um todo. Para isso ele deve reivindicar seus direitos sobre as promessas divinas, através da chamada Teologia da Prosperidade (TP).” (FIGUEIREDO, 2007, p. 28).

Poucos anos depois, é fundada, no Brasil, a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), que foi a primeira no país direcionada aos ideais neopentecostais. Ela foi inaugurada no Rio de Janeiro, por Edir Macedo de Bezerra, seu cunhado Romildo Ribeiro Soares e Roberto Augusto Lopes. Mas em 1980 Soares se desvinculou da Igreja Universal do Reino de Deus e fundou seu próprio templo, denominado Igreja Internacional da Graça de Deus (IURD). A partir dessa instituição, a influência midiática das igrejas evangélicas, sobretudo a IURD, começa a ser massiva.

Edir Macedo, líder máximo da IURD se intitula bispo e é dono da TV Record, programas na Rede Mulher, Rede Família e CNT, o jornal Folha Universal, o portal online Arca Universal. Bem como, tem espaço em diversas rádios cariocas e paulistas, também uma nova igreja no continente africano, além de seu livro “O Bispo: A História Revelada de Edir Macedo, escrita por Douglas Tavolaro, publicada pela Editora Larousse Brasil, em 2007”.

A corrente teológica adotada pela IURD acredita em uma visão afirmativa acerca de Deus, da vida e do “direito do fiel a tomar posse da sua “herança” na terra, ou seja, dos bens, da prosperidade e da felicidade aos quais ele tem direito por ser filho de Deus e membro da Igreja do Senhor.” (FIGUEIREDO, 2007, p. 28). A partir dessa visão, constrói-se uma relação de parceria entre a divindade e o sujeito, dessa forma há um deslocamento, pois Deus deixa de ocupar o centro da vida do fiel. Esse papel é ocupado pelo próprio crente, que passa a ser então protagonista da sua vida, que busca disfrutar de bens materiais na vida terrena.

4. *Considerações Finais*

A Teologia da Prosperidade propõe que os “verdadeiros fiéis têm o direito de “exigir” de Deus bênçãos e bens materiais, e que a vida deve ser desfrutada imediatamente e com abundância.” (FIGUEIREDO, 2007, p. 30). Os únicos compromissos que o crente necessita assumir para isso são a fé e o pagamento regular de dízimos e contribuições à Igreja, cujo número de coletas chega a ser três por culto. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) apresenta uma ideia muito atrativa para seus fiéis, pois atende à demanda de um contingente populacional com anseios de desfrutar dos privilégios proporcionados pela posse do capital. Acrescenta-se ainda a possibilidade de alcançá-lo de forma prática através de uma intercessão sobrenatural.

A IURD atende essa demanda quando insere o bem-estar material no discurso que ela dissemina pelos meios de comunicação de massa, utiliza a Teologia da Prosperidade como seu marketing para atrair mais fiéis. Dessa forma, passa “a contar com um conjunto de procedimentos altamente comprometido com o desenvolvimento da sociedade de consumo. Nesse sentido, a mídia torna-se um aparato indispensável para atingir o maior contingente possível de seguidores” (LEMOS, 2017, p. 83).

Portanto, consegue expandir o alcance da sua mensagem, transcendendo o campo religioso e passa a dominar outros âmbitos, como a política, por exemplo. – O atual prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, é sobrinho do fundador da IURD, bispo Edir Macedo. “Em vez de partir da acumulação de excedentes, com na ética protestante tradicional, empreendedorismo nas novas Igrejas nasceria do desejo de auferir lucros e consumir.” (FIGUEIREDO, 2007, p. 42).

Nesse sentido, a proposta das igrejas evangélicas, inicialmente, é de que o fiel deve ter acesso ao livro sagrado, para que ele possa criar esse vínculo individual com Deus, sem que tenha obrigatoriamente um intermédio da instituição. Até as rezas mudam, as rezas tradicionais da Igreja Católica não são muito usuais em ritos evangélicos, pois eles falam que a oração deve ser feita pelo fiel, como se fosse uma conversa com Deus, sem que haja um texto estabelecido. Essas foram algumas convenções herdadas da Reforma Protestante (1517), a qual inspirou a criação das igrejas evangélicas em geral.

O valor dado ao dinheiro supera a importância dada a salvação ou a outros objetivos que antes eram muito explorados no cristianismo, como a vida eterna e a remissão dos pecados, por exemplo. Ser próspero e

alcançar posições sociais significativas passa a ser o objetivo que a IURD propõe aos fiéis. Assim como, Weber (2007) afirma, a ressignificação do trabalho que passa de uma posição social dos servos, para se tornar um dom divino, após a Reforma Protestante, é uma missão sagrada dada por Deus. Essa sequência discursiva mostra um novo papel dado ao trabalho, o de fazer fortuna, ser digno de respeito ocupando posições de liderança e exercendo poder, o *status* social que o sujeito detém, passa a ser objeto de desejo.

A menção ao dinheiro, a riqueza e a uma vida opulenta, demonstra a necessidade de obter bens de consumo e a importância dada ao poder. Coloca o fiel enquanto servo do dono de toda Terra e do Céu, é uma reconfiguração da posição do sagrado na vida do crente, pois certifica que Deus pode levar o sujeito a ascensão social.

Há uma referência à Teologia da Prosperidade e o discurso neopentecostal, “vida abundante” é o que prevê o discurso neopentecostalista, que coloca o sujeito e suas necessidades no centro e Deus como um meio para atingir essa meta. Esse discurso se aproxima da ótica neoliberal muito difundida atualmente e ele é muito poderoso, sendo que mesmo quando não garanta o sucesso do crente, e assim, a Teologia da Prosperidade falhe, o discurso justifica o ocorrido por ausência de fé, falta de pagamento do dízimo, desrespeito às leis divinas ou mesmo a guerra espiritual citada anteriormente, em que o próprio demônio pode estar agindo sobre a vida desse sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado (Notas para uma investigação)*. Lisboa: Presença / Martins Fontes, 1980 [1970].

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. *O novo espírito do capitalismo*. Paris: Wmf Martins Fontes, 2009.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio, UESP. 1997.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Análise de Discurso e Psicanálise: uma estranha intimidade*. Porto Alegre: Correio da APPOA, 2004.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. *O espírito empreendedor na Igreja Universal do Reino de Deus: As representações sociais sobre empreen-*

dedorismo. Dissertação (Mestrado) – Curso de Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. 172f.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Pontes: Campinas, 2015.

_____. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. A Análise do Discurso: três épocas. Trad. J. de A. Romualdo. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997, p. 311-320.

_____. Papel da Memória. Trad. de José Horta Nunes. In: ACHARD, P. *et al. Papel da Memória*. Trad. de José Horta Nunes. Campinas: 1999. p. 49-57

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Trad. E. P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993, p. 61-105

SOUSA, Bertone de Oliveira. *A Teologia da Prosperidade e redefinição do protestantismo brasileiro: Uma abordagem à luz da Análise do Discurso*. Maringá: Revista Brasileira de História das Religiões, 2011.

WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PERTRI, Verli; DIAS, Cristiane. *Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: UFSM, 2013. 312p.